

**MERCADOS DE BELO HORIZONTE - MG:
passado e presente, resistência e transformação**

**BELO HORIZONTE - MG MARKETS:
past and present, resistance and transformation**

Arthur Ferreira Diniz da Silva¹

Daniel Ribeiro Victor²

Tayná Karine Augusto Rocha³

RESUMO

As cidades nasceram como espaços de troca, como ponto de recebimento do excedente produzido no rural. Neste contexto, as feiras e os mercados ocuparam uma posição relevante, tendo espaços destinados para a função das trocas, do comércio, que consequentemente permite a expressão das relações sociais desenvolvidas naquele espaço e/ou sociedade. Esta relevância reflete-se em Belo Horizonte, onde precisamente alguns mercados nasceram e evoluíram em conjunto com a cidade ao longo dos anos, representando uma centralidade onde se encontram. Muitos destes, também ao longo dos anos, foram do auge à decadência, precisando, assim, se reinventar e repensar seu modo de se apresentarem à sociedade para continuarem funcionando. São eles: Mercado Central, Mercado Novo, Mercado Popular da Lagoinha, Mercado Distrital do Santa Tereza, e Mercado Distrital do Cruzeiro. O presente trabalho tem como finalidade principal relatar brevemente a história destes espaços, que se entrelaçam com a história de Belo Horizonte, compreendendo, assim, o que representavam à época em que foram inaugurados, buscando entender qual é o estado destes mercados hoje. Para isso, este artigo irá se debruçar em uma revisão bibliográfica de conceitos relacionados ao tema que será aqui trabalhado, para fundamentação teórica, além de uma revisão bibliográfica para auxiliar na descrição dos mercados a serem mencionados neste trabalho. Figuras também serão utilizadas a fim de caracterizar os empreendimentos em questão.

Palavras-Chave: Mercados públicos. Refuncionalização urbana. Revitalização urbana.

ABSTRACT

Cities were born as spaces for exchange, as a point of receipt for the surplus produced in rural areas. In this context, fairs and markets occupied a relevant position, having spaces dedicated to the function of exchange and commerce, which consequently allows the expression of social relations developed in that space and/or society. This relevance is reflected in Belo Horizonte, where precisely some markets were born and evolved together with the city over the years, representing a centrality where they are located. Many of these, also over the years, went from their peak to their decline, thus needing to reinvent themselves and rethink their way of presenting themselves to society in order to continue functioning. They are: Mercado Central, Mercado Novo, Mercado Distrital do Santa Tereza, Mercado Distrital do Cruzeiro, and Mercado Popular da Lagoinha. The main purpose of this work is to briefly report the history of these spaces, which are intertwined with the history of Belo Horizonte, thus understanding what they represented at the time they were opened, seeking to understand the state of these markets today. To this end, this article will focus on a bibliographical review of concepts related to the topic that will be discussed here, for theoretical foundation, in addition to a bibliographical review to assist in the description of the markets to be mentioned in this work. Figures will also be used to characterize the projects in question.

Keywords: Public markets. Urban refunctionalization. Urban revitalization.

¹ Licenciado e bacharel em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia -Tratamento da Informação Espacial, pela mesma universidade. E-mail: arthurmafle@gmail.com

² Licenciado e bacharel em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia -Tratamento da Informação Espacial, pela mesma universidade. E-mail: danielrvictor93@gmail.com

³ Licenciada e bacharel em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). E-mail: tayna.filtele@gmail.com

INTRODUÇÃO

As cidades nasceram como espaços de troca, como ponto de recebimento do excedente produzido no rural. A função comercial sempre se atrelou à história das cidades, até mesmo como um fator de socialização, que foi se desenvolvendo conforme as características dos períodos históricos, em conjunto às atividades comerciais. Nesse contexto, as feiras e os mercados ocuparam uma posição relevante, pois se apresentam como espaços propícios ao contato social e ao comércio, o que consequentemente permite a expressão das relações sociais desenvolvidas naquele espaço e/ou sociedade.

Conforme Braudel (1985), os mercados públicos são considerados o centro natural da vida social. Atualmente, esses espaços ainda têm um papel importante na economia e na cultura de muitas cidades, uma vez que são frequentemente vistos como uma alternativa aos grandes supermercados e *shoppings centers*, onde os produtos são padronizados e muitas vezes importados de outras regiões ou países.

De acordo com Almeida et al. (2022), os mercados públicos, ao longo do tempo, tornaram-se alvos espaciais que acabam por promover alterações nas práticas sociais e no tipo de perfil dos usuários e consumidores que ali frequentam. Esses espaços são fruto de processos, ainda conforme Almeida et al. (2022), como patrimonialização, gourmetização e turistificação, e são caracterizados pela exploração de atividades culturais dirigidas a um público solvente e rotativo.

Este cenário se apresenta em Belo Horizonte, onde precisamente alguns mercados nasceram e evoluíram em conjunto com a cidade ao longo dos anos, representando uma centralidade onde se encontram. Muitos destes, também ao longo dos anos, foram do auge à decadência, precisando, assim, se reinventar e repensar seu modo de apresentar à sociedade para continuarem funcionando. São eles: Mercado Central, Mercado Novo, Mercado Popular da Lagoinha, Mercado Distrital do Santa Tereza, e Mercado Distrital do Cruzeiro. Mas quais eram as funções deles antes, e como estão atualmente? Por quais processos estes mercados passaram?

Este artigo tem como finalidade principal relatar brevemente a história destes espaços, que se entrelaçam com a história de Belo Horizonte, compreendendo, assim, o que representavam à época em que foram inaugurados, buscando entender qual é o estado destes

mercados hoje. Para isso, este artigo irá se debruçar em uma revisão bibliográfica de conceitos relacionados ao tema que será aqui trabalhado, para fundamentação teórica, além de uma revisão bibliográfica para auxiliar na descrição dos mercados a serem mencionados neste trabalho. Figuras também serão utilizadas a fim de caracterizar os empreendimentos em questão.

Alguns mercados em Belo Horizonte marcaram época, e consequentemente gerações. Estes, ao longo do tempo, foram do auge à decadência, como já mencionado. Assim, precisaram se reinventar e repensar suas respectivas propostas comerciais para se apresentar ao público. Exemplos disto se materializam em mercados espalhados pela capital mineira, a seguir.

OS MERCADOS DO CENTRO: O “TRADICIONAL CENTRAL” E O “NOVO”

Belo Horizonte surgiu como uma cidade moderna, planejada, com funções pré-determinadas na sua região central, berço da cidade, que também passou por transformações ao longo do tempo. Entre as tais funções, ressalta-se o abastecimento da cidade, com a implementação dos mercados – sendo um instrumento do planejamento urbano, com o lançamento de diretrizes que definiam sua localização e suas características, dentro da cidade moderna. Atualmente, o Centro de Belo Horizonte abriga dois mercados, os quais suas histórias se misturam, e retratam fases importantes do desenvolvimento da cidade: o Mercado Central e o Mercado Novo.

Entretanto, vale destacar que o primeiro mercado de Belo Horizonte foi o “Mercado Municipal”. Instalado na Av. Afonso Pena em 6 de outubro de 1900, sobre uma irreverente estrutura metálica importada da Bélgica, era administrado pela Prefeitura, que arrendava os boxes aos comerciantes e tropeiros que expunham seus produtos no espaço. Sucumbiu à modernidade belo-horizontina no ano de 1929, quando a sua função de “mercado”, ou de abastecimento alimentar da cidade, foi transferida para outro quarteirão da cidade.

A transferência da função de mercado para outro quarteirão do Centro levou à criação do atual “Mercado Central”. Fundado em 7 de setembro de 1929, por iniciativa do Prefeito Cristiano Machado, o Mercado Central localiza-se no quarteirão entre as ruas Santa Catarina, Goitacazes, Curitiba e a Avenida Augusto de Lima. Até então, o quarteirão abrigava o campo

do América Futebol Clube, à época decacampeão no futebol mineiro (COSTA, 2006). Diferentemente do seu precursor, o Mercado Central não dispunha de estrutura moderna, apresentando-se como uma feira a céu aberto, com barracas de madeira distribuídas pelo quarteirão.

Em 1945, deu-se início a uma prática comum que descaracterizou a função principal do Mercado Central: a liberação de novas vagas de comércio pela classe política para afilhados políticos, dobrando a quantidade de comerciantes do local, que à época era pouco superior a 200. A década de 1950 é acompanhada do surgimento dos supermercados, que representavam um desafio aos estabelecimentos como o Mercado Central: agora os alimentos eram embalados de forma prévia, em tamanhos e quantidades definidos pelo fabricante, não mais pelo consumidor (COSTA, 2006). A partir deste contexto, o Mercado Central já não atendia aos anseios de modernidade belo-horizontino, enquanto feira a céu aberto, superlotada e sem estrutura digna.

Em decorrência dessa dissonância, nos anos 1960, a Prefeitura de Belo Horizonte idealizou a construção de um novo mercado, próximo ao Central, projetado para ser o mais moderno da América Latina, dispondo até de estacionamento e de lojas distribuídas pelos quatro andares: o Mercado Novo. Construído em um terreno que abrigava uma oficina de trólebus e bondes, o Mercado Novo seria o substituto do Mercado Central (SILVA et al., 2021).

Entretanto, a construtora responsável por construir o Mercado Novo, Edificadora Sobrado, faliu antes que o projeto pudesse ser finalizado, deixando a estrutura inacabada. Diante disso, e de outras polêmicas envolvendo a Prefeitura, havia insegurança por parte dos comerciantes do Mercado Central para transferir seus negócios para o Mercado Novo.

Ainda assim, alegando não ter mais condições de administrar o Mercado Central, a Prefeitura optou por vender o seu terreno, mesmo com o Mercado Novo não tendo êxito. Os comerciantes do Mercado Central se uniram, fundando uma associação, que adquiriu o terreno em leilão realizado em janeiro de 1964. Por sua vez, a Prefeitura exigiu a construção de um galpão coberto para que o Mercado Central continuasse funcionando. O prazo máximo para a conclusão das obras era de cinco anos, que se não obedecido, a associação teria de devolver o terreno à Prefeitura (MERCADO CENTRAL, 2016).

Foram então contratadas quatro construtoras, ficando cada uma delas responsável por uma lateral. E mesmo com as obras do galpão em andamento, o Mercado se manteve funcionando. Aos poucos as barracas de madeira foram substituídas por lojas de alvenaria, e já na década de 1970 foi construído o estacionamento. Através dele também foi possível gerar renda para custeio das obras e reformas do Mercado Central. Na figura 1 nota-se uma das entradas do Mercado Central, entre as ruas dos Goitacazes, Santa Catarina e à frente, a avenida Amazonas.

Figura 1 - Fachada do Mercado Central



Fonte: **Amaral**, 2020.

Costa (2006, p. 33) descreve que, na atual localização, o Mercado Central “contava quatro pavilhões principais, isolados, subdivididos, cada um, em 36 lojas para mercearias e cafés, comércio de frutas, e quatro pavilhões centrais, com 8 lojas cada um, destinados a açougues, comércio de peixes e aves. Foram projetadas grandes salas para cafés e bares, duas

câmaras frigoríficas para carne e mais duas para peixes e caça”. Também foram construídas salas para agência de correio e posto policial, ficando reservada uma área central, com 1.050 metros quadrados, aos ambulantes e comerciantes de produtos da pequena lavoura. Ao longo de sua história, o Mercado Central de Belo Horizonte passou por algumas transformações e adaptações, especialmente para tornar o espaço mais acessível a pessoas com deficiência e mobilidade reduzida.

Em 2016, o Mercado Central foi eleito como o terceiro melhor mercado do mundo pela revista de bordo *TAM nas Nuvens*. Ficou atrás, apenas, do *Mercat de la Boqueria* e do *Borough Market*, localizados respectivamente em Barcelona e Londres. A posição foi alcançada graças à qualidade e variedade dos produtos e dos ambientes distribuídos pelo Mercado (MERCADO CENTRAL, 2016). Reconhecido como centro de comércio, cultura e gastronomia, o Mercado Central está entre os mais importantes pontos turísticos da cidade de Belo Horizonte.

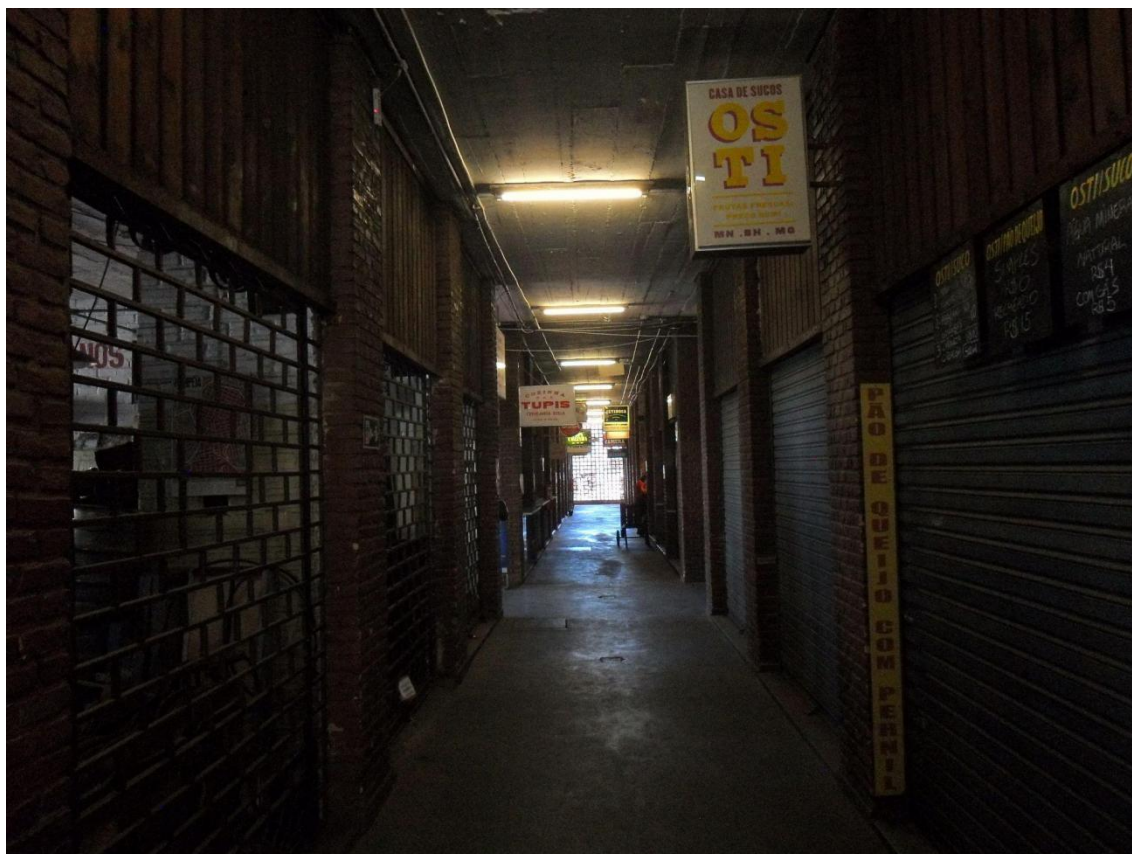
Por sua vez, embora construído para ser o mais moderno mercado da América Latina, o Mercado Novo, diante da construção inacabada, e da consolidação do Mercado Central, passou a ser ocupado somente no 1º andar por comércios mais simples, como gráficas, oficinas e outros serviços industriais, além de uma feira livre. 70% das suas lojas foram compradas por um empreendedor, que manteve os demais andares desocupados até o ano de 2010. A data marca a inauguração de um espaço dentro do Mercado Novo, situado no 3º andar, chamado Mercado das Borboletas. Tratava-se de um espaço destinado a festas e eventos variados, que durou até 2014.

Novas alternativas de ocupação do Mercado Novo ocorreram sem muito sucesso, até o projeto “Velho Mercado Novo” em 2018, que foi idealizado, segundo Filomeno (2021), por grupo de lideranças dentro do empreendimento que atua com o objetivo de organizá-lo e deixá-lo mais atrativo, tanto para os novos comerciantes quanto para os frequentadores. Este projeto se iniciou a partir de um comerciante que instalou no 2º andar uma cervejaria e posteriormente outros empreendimentos, como um restaurante e uma revenda de café.

O projeto visa, em resumo, que os novos comerciantes do local adotem uma mesma estética em seus estabelecimentos, por meio de placas e letreiros, e se especializem num mesmo tipo de segmento de produto, bem como adotem práticas mais artesanais, buscando proporcionar aos frequentadores a sensação de um ambiente *vintage*. A figura 2 mostra um

dos corredores do Mercado Novo, onde se pode perceber estabelecimentos que seguem uma mesma estética e originalidade, através de placas externas que remetem à uma época mais antiga.

Figura 2 - Estabelecimentos do Mercado Novo



Fonte: **Arquivo pessoal**, 2021.

Porém, esta proposta de adoção de uma estética semelhante, não visa afastar os comerciantes que lá se encontravam antes do projeto “Velho Mercado Novo”. Ao contrário, segundo Silva et al. (2021), o comerciante idealizador vê os mais antigos como parte da história do Mercado Novo e, de acordo com Filomeno (2021), deseja mostrar o valor deles a Belo Horizonte e integrar os negócios antigos aos recém-chegados. Silva et al. (2021) ressaltam a criação de um perfil no Instagram para valorizar os comerciantes mais antigos presentes no Mercado Novo.

[...] um perfil no Instagram, chamado “Velho Mercado Novo”, para postar e contar histórias sobre os comerciantes tradicionais, justamente para que os novos comerciantes entendessem que o Mercado Novo não pode ficar sem os antigos,

gerando desta forma um movimento que zela por manter as pessoas que já estavam lá, ao invés de expulsá-las (Silva et al. 2021, p. 83).

Inseridos no Centro de Belo Horizonte, tanto o Mercado Central quanto o Novo tiveram o seu entorno transformados por políticas de revitalização urbana. Por outro lado, essas políticas encontram na tradição cultural sua orientação na tentativa de promover uma cidade mais atrativa. Tanto o modelo tradicional, expresso pelo Mercado Central e o modelo alternativo visto no Mercado Novo fazem parte desta nova cultura que permeia o espaço urbano belo-horizontino. Não obstante, já se pode falar na existência de uma rede, a princípio desenvolvida pelo setor privado, e que é apropriada pelo Poder Público, visto a criação de novos bares nas redondezas dos dois mercados que consomem da cultura desenvolvida pelos dois. E também pelas obras de revitalização no contexto da Praça Raul Soares, desenvolvida pela Prefeitura de Belo Horizonte.

ALGUNS OUTROS MERCADOS DA CIDADE: UMA JORNADA NO TEMPO ENTRE PASSADO E PRESENTE

Mais do que se transformar, ao longo do tempo a cidade de Belo Horizonte se expandiu para além do seu limite planejado. As novas ocupações, formando centralidades, também dependiam do abastecimento, ou do oferecimento de alimentos mais próximos. A partir disso, o Poder Público direcionou a criação de novos mercados, fora da região central. Deste contexto, 3 são mencionados neste artigo: o Mercado Popular da Lagoinha, e os Mercados Distritais de Santa Tereza e do Cruzeiro - estes já frutos de uma política muito parecida com o que aconteceu com o Mercado Central, da modernização das feiras livres.

1- Mercado Popular da Lagoinha

O Mercado Popular da Lagoinha, inaugurado em 1949, era, conforme a Prefeitura de Belo Horizonte (2017), um centro comercial de legumes, frutas e verduras. Em 2000, uma reforma foi realizada e este mercado passou a ser um local de cultura, arte, promoção da saúde e oportunidades de trabalho. Na figura 3 se percebe a fachada do Mercado Popular da Lagoinha atualmente.

Figura 3 - Entrada do Mercado Popular da Lagoinha



Fonte: **Clemente**, 2021

A Prefeitura de Belo Horizonte (2017) ainda ressalta que no espaço do Mercado Popular da Lagoinha é um ícone que marca a história da capital mineira e do bairro que o nomeia, e disponibiliza à comunidade da região Noroeste, onde está localizado, métodos que consideram o ensino e a geração de renda, visando qualificação profissional, oferecidos pelo Centro de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável (CRESANS).

O CRESANS oferece esta qualificação profissional, conforme a Prefeitura de Belo Horizonte (2022) através do “Programa Valorizar a Gastronomia Mineira e Belo-Horizontina Articulada às Bases da Agroecologia”, tendo como base cursos nas áreas de gastronomia, que contempla a cozinha mineira, panificação e confeitaria, além do chamado “empreendedorismo gastronômico”, este em parceria com o SEBRAE, e há também um curso voltado à Agroecologia.

Durante a pandemia da COVID-19, o Mercado Popular da Lagoinha esteve fechado ao longo de todo o ano de 2020, passando por obras de revitalização do espaço em 2021, e reabrindo suas portas para as atividades presenciais dois anos depois do fechamento, em 2022.

Em março de 2020, as atividades presenciais foram suspensas por causa da pandemia de Covid-19. Com o término das obras e a flexibilização das atividades presenciais, o Mercado da Lagoinha voltou a receber eventos e retoma com a formação profissional gastronômica, da agroecologia e de educação alimentar a partir de 2022. (G1 MINAS, 2021)

No Mercado Popular da Lagoinha também é possível encontrar lazer e entretenimento com o Centro Cultural Liberalino Alves de Oliveira, que segundo a Universidade Federal de Minas Gerais (S/d), foi criado em 1999 sob a orientação da Secretaria de Administração Regional Municipal. O propósito deste centro cultural é levar às crianças, adolescentes e adultos um espaço adequado para o desenvolvimento de atividades socioculturais, expressividades locais, fomenta os grupos e viabiliza a participação da comunidade na construção das políticas públicas (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2017).

O Mercado Popular da Lagoinha também oferece gratuitamente esportes e atividades físicas por meio da Academia da Cidade, fomentando a prática de exercícios e alongamentos com educadores físicos visando a manutenção de uma vida saudável, principalmente para o público da terceira idade.

2 - Mercado Distrital do Santa Tereza

O Mercado Distrital do Santa Tereza é um dos mais tradicionais mercados de Belo Horizonte, localizado no bairro de Santa Tereza, um dos mais boêmios e históricos da cidade, este mercado atrai moradores locais e visitantes de toda a região em busca de comida de qualidade, bebidas artesanais e um ambiente agradável. De acordo com a Prefeitura de Belo Horizonte (2016), a inauguração do Mercado Distrital do Santa Tereza ocorreu no mandato do Prefeito Oswaldo Pieruccetti, em 1974.

Por meio do relatório de quadriênio, a Prefeitura à época trazia uma série de ações com o objetivo de defender o ordenamento e também a higienização da cidade. Ainda conforme a Prefeitura de Belo Horizonte (2016), neste período foi realizada a conclusão da construção do Elevado Castelo Branco, a canalização de uma série de córregos, parte da retificação do Ribeirão Arrudas na altura do bairro Santa Efigênia, entre outras intervenções de grande necessidade à época.

O portal Guia Santa Tereza (2012) ressalta que a inauguração do Mercado Distrital ocorreu precisamente no dia 29 de junho de 1974 e era defendida pelo executivo municipal, para substituir as antigas feiras livres. Ainda conforme o portal Guia Santa Tereza (2012), o Mercado Distrital serviria para subsidiar a feira livre que acontecia aos domingos na Praça Duque de Caxias. Foram investidos para o Mercado Distrital do Santa Tereza uma quantidade considerável de recursos, de acordo com a Prefeitura de Belo Horizonte (2016).

[...] foram investidos na época CR\$ 3.715.516,73 (três milhões, setecentos e quinze mil, quinhentos e dezesseis cruzeiros e setenta e três centavos). O recurso foi disponibilizado através do Banco do Brasil por meio do Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (PASEP). (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2016, p. 11)

A partir da década de 1980, o Sistema Nacional de Centrais de Abastecimento, que dava um considerável apoio à atividade dos mercados distritais da época, foi descontinuado, o que ocasionou um movimento de descentralização da política de abastecimento no país. Em 1993, conforme a Prefeitura de Belo Horizonte (2016), no mandato do prefeito Patrus Ananias, o Mercado passou por um processo de requalificação.

Já durante o período de 1996 a 2006, que antecedeu o fechamento, houve uma grande diversidade de serviços licenciados no Mercado Distrital do Santa Tereza. Entre eles, é possível citar lanchonetes, comércios diversos, papelaria, o Clube Mineiro de Criadores de Pássaros, floricultura, entre outros. A figura 4 representa o espaço interno do Mercado Distrital do Santa Tereza em 2021, que estava desocupado desde 2007.

Figura 4 - Espaço interno desocupado do Mercado Distrital do Santa Tereza



Fonte: **Rhienck**, 2021.

Mas ainda em 2006, a Prefeitura começou um processo de proposição para reutilização dos mercados distritais. O diagnóstico da administração municipal da época era de que os mercados distritais estavam sofrendo uma depreciação no seu significado econômico, perdendo assim espaço para os sacolões espalhados por toda a cidade. Houve uma proposta para que o Mercado Distrital do Santa Tereza fosse utilizado como quartel da Guarda Municipal de Belo Horizonte, embora isso não tenha ocorrido, de fato. Em 2022, de acordo com Bongiovani (2022), esse mercado foi reaberto oferecendo atrações como música e variedades gastronômicas, mas ainda com a promessa de futura revitalização do espaço.

3 - Mercado Distrital do Cruzeiro

Conforme o IABSP (S/d), o Mercado Distrital do Cruzeiro foi projetado pelo arquiteto mineiro Éolo Maia, em parceria com Alvimar Machado, no ano de 1972, tendo as obras concluídas no ano de 1974. Este mercado ocupava parte do local onde antes estava a favela Pindura Saia, hoje os bairros da Serra e do Cruzeiro, na Região Centro-Sul de Belo Horizonte. Durante toda a trajetória, o espaço do Mercado Distrital do Cruzeiro não recebeu qualquer tipo de investimento do Poder Público que fosse direcionado para a manutenção e conservação do local.

Tal resultado implicou na situação de algumas instalações precárias e, consequentemente, na descaracterização do objeto arquitetônico inicial. No entanto, ainda se pode notar em grande parte do Mercado Distrital do Cruzeiro instalações organizadas regularmente, conforme a figura 5.

Figura 5 - Comércio do Mercado Distrital do Cruzeiro



Fonte: **Amaral**, 2022.

Ainda conforme o IABSP (S/d), uma intervenção no sentido de recuperá-lo e revitalizá-lo tornou-se urgente. A Prefeitura de Belo Horizonte (2016) ressalta que, utilizando da mesma proposição de reutilização e requalificação dos mercados distritais pela qual passou o Mercado Distrital do Santa Tereza, a proposta para o Mercado Distrital do Cruzeiro era o encaminhamento da gestão para um concessionário privado.

Seu projeto de revitalização do Mercado Distrital do Cruzeiro também é norteado por três principais eixos: conservação e revitalização do edifício existente, um patrimônio de Belo Horizonte; preservação e potencialização do uso do Mercado como mercado; e adequação da edificação na paisagem, ao entorno e dentro dos princípios de sustentabilidade. A Prefeitura de Belo Horizonte (2020) descreve a atual situação de ocupação dos boxes no Mercado Distrital do Cruzeiro.

A ocupação atual do mercado, empreendida sem nenhum planejamento nítido ao longo dos anos, revela de forma inequívoca a demanda por espaço experimentada pelos seus habituais vendedores. Os boxes expandiram-se estreitando circulações e dificilmente respeitam alguma ordem ou modulação. Os jardins previstos no projeto de Éolo Maia para as extremidades da plataforma do mercado, espaços cobertos que existiam entre as paredes de elemento vazado e as áreas externas, foram todos

ocupados, constituindo a já referida coroa de boxes que circundam o perímetro do edifício. (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2020, p. 43)

A Prefeitura de Belo Horizonte (2020, p. 43-44) ainda ressalta que “tamanha urgência parece haver sobre a necessidade de espaço que é possível encontrar lojas ou depósitos apertados nas frestas que se originam das curvas das paredes dos sanitários públicos originais. Ou boxes que, na tentativa de ganhar área, desastradamente “engolem” parte dos pilares da estrutura”, entre outras questões que reforçam a necessidade de reestruturação do Mercado Distrital do Cruzeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já mencionado no início deste trabalho, as cidades nasceram como espaços de troca, como ponto de recebimento do excedente produzido no rural, tendo a função comercial sempre atrelada à história dessas cidades, havendo inclusive o fator de socialização. Parte desta socialização se materializa em mercados públicos, pois é ali onde se encontram as relações entre pessoas e entre comerciantes.

Mercados públicos estão presentes em diversas partes do Brasil e do mundo, e também em Belo Horizonte. Alguns destes marcam a história da capital mineira devido ao tempo de funcionamento ou, ao menos, de existência do seu espaço. O mais conhecido deles, provavelmente, é o Mercado Central.

Um cartão postal de Belo Horizonte, que atrai milhares de pessoas, sobretudo turistas, todos os dias, seja para comprar produtos da culinária mineira, artesanatos de todos os tipos, ou simples circulação dentro do empreendimento. Para que o Mercado Central pudesse se tornar o que é hoje, foi preciso que seus primeiros comerciantes tivessem de resistir e estarem determinados a buscar erguer a atual estrutura, uma vez que, como mencionado, naquela localidade o que se tinha era uma feira a céu aberto.

Outro empreendimento é o Mercado Popular da Lagoinha, que anteriormente tinha outra função e hoje abriga o Centro de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável, onde é ofertada qualificação profissional através do “Programa Valorizar a Gastronomia Mineira e Belo-Horizontina Articulada às Bases da Agroecologia”, cursos nas áreas de gastronomia contemplando a cozinha mineira, a panificação e a confeitaria.

Nesta mesma esteira da mudança de função, o Mercado Novo apresenta-se, talvez, como o exemplo mais claro. Idealizado para substituir o Mercado Central, não atingiu seu objetivo inicial, tendo ficado ainda hoje com suas obras inacabadas, abrigou e ainda abriga comerciantes cujo segmento é voltado para serviços industriais, mas mesmo assim permanece aberto e cada vez mais atraindo frequentadores e novos comerciantes para ocupar o empreendimento com estabelecimentos que sigam uma mesma estética e originalidade, ainda que boa parte das suas lojas estejam desocupadas.

O mesmo não ocorre, ao menos na mesma proporção que os demais mercados, com o Mercado Distrital do Cruzeiro e o Mercado Distrital do Santa Tereza. Muitas propostas de refuncionalização e/ou reabertura foram consideradas pela Prefeitura de Belo Horizonte, mas nenhuma vingou de fato, e os espaços destes mercados permanecem fechados, quase como por aguardarem uma nova ocupação comercial.

Todos estes mercados têm suas histórias intimamente ligadas à história de Belo Horizonte porque evoluíram com a cidade, e permanecem vivos, ainda que só estruturalmente, como no caso dos distritais. Todos estes mercados passaram, cada um ao seu modo, por um processo de resistência e transformação para continuarem existindo, de modo a se tornarem espaços atraentes e cada vez mais frequentados pelo cidadão de Belo Horizonte.

Cabe, portanto, à Prefeitura de Belo Horizonte, valorizar estes espaços e a apropriação deles, de modo a promovê-los e difundi-los da forma como estão sendo utilizados. Seja no lazer, na melhoria da qualidade de vida, na segurança alimentar e nutricional, etc. Cabe, também, que a Prefeitura de Belo Horizonte possa dar a devida destinação aos mercados distritais para que também sejam apropriados por aqueles cidadãos mais jovens que não tiveram a oportunidade de conhecer estes espaços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. C.; MARÇAL, A. M.; GUIMARÃES, S. T. Mercados Públicos na área central de Belo Horizonte: transformações, resistências, tensões. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v.14, 2022.

AMARAL, Jair. **Mercado do Cruzeiro, em BH, passará por revitalização**. 2022. Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2022/10/08/interna_gerais,1404655/mercado-do-cruzeiro-em-bh-passara-por-revitalizacao.shtml>. [Acesso em: 22 jan. 2022].

AMARAL, Odilon. **Com mais lojas abertas e restrição na entrada, Mercado Central tem fila e movimento grande**; veja fotos. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/05/18/em-1o-dia-de-funcionamento-quase-completo-na-pandemia-mercado-central-tem-fila-e-movimento-grande.ghtml>>. [Acesso em: 22 jan. 2023].

BONGIOVANI, Ana Luiza. **Mercado do Santa Tereza reabre com música, comida e mini fazenda**. 2022. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/entretenimento/mercado-do-santa-tereza-reabre-com-musica-comida-e-mini-fazenda-1.2711943>>. [Acesso em: 07 dez. 2023].

BRAUDEL, Fernand. **Os Jogos das Trocas: Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV-XVIII**. Tomo 2. Tradução Maria Antonieta Magalhães Godinho. Lisboa: Cosmos, 1985.

CLEMENTE, Rodrigo. **Mercado da Lagoinha reabre as portas para o público**. 2021. Disponível em: <<https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/mercado-da-lagoinha-reabre-portas-para-o-publico>>. [Acesso em: 14 mar. 2023].

COSTA, José Eduardo. **Mercado Central de Belo Horizonte: a convivência entre iguais e diferentes**. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais). Belo Horizonte: PUC Minas, 2006, 109p.

G1 MINAS. **Mercado da Lagoinha, em Belo Horizonte, é reaberto ao público**. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/12/03/mercado-da-lagoinha-em-belo-horizonte-e-reaberto-ao-publico.ghtml>>. [Acesso em: 15 mar. 2023].

FILOMENO, Daniela. **Mercado Novo, o mercadão de BH, leva agito gastronômico para o centro da cidade**. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/viagemgastronomia/cnn-viagem-gastronomia/conheca-o-mercado-novo-em-belo-horizonte/>>. [Acesso em: 15 mar. 2023].

GUIA SANTA TEREZA. **Mercado Distrital de Santa Tereza**. 2012. Disponível em: <<http://www.guiasantatereza.com.br/htms/mercadodistrital2012.htm>>. [Acesso em: 30 jan. 2023].

IABSP. **Revitalização do Mercado Distrital do Cruzeiro**. S/d. Disponível em: <http://www.iabsp.org.br/mercado_distrital_cruzeiro.pdf>. [Acesso em: 08 mar. 2023].

MERCADO CENTRAL. **Mercado Central Abastecimento e Serviços**. 2016. Disponível em: <http://mercadocentral.com.br/sitenovo/wp-content/uploads/2016/11/Mercado-Central-de-Belo-Horizonte_sugestaoatividadesatual.pdf>. [Acesso em: 30 jan. 2023].

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **BH em Cantos: Mercado da Lagoinha**. 2017. Disponível em: <<https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/bh-em-cantos-mercado-da-lagoinha>>. [Acesso em: 14 mar. 2023].

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **Centro de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional** - Mercado da Lagoinha. 2022. Disponível em: <<https://prefeitura.pbh.gov.br/smasac/susan/equipamentos/centro-referencia-mercado-lagoinha>>. [Acesso em: 15 mar. 2023].

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **Concessão para gestão, reforma, requalificação e manutenção do mercado distrital do cruzeiro e da central de abastecimento municipal/feira do bairro São Paulo do município de Belo Horizonte – MG**. 2020. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/smasac/licitacoes_susan_cp_012020_projetobasico_0.pdf>. [Acesso em: 10 mar. 2023].

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **Diagnóstico Propositivo para o Mercado Distrital de Santa Tereza**. 2016. Disponível em: <<https://prefeitura.pbh.gov.br/politica-urbana/planejamento-urbano/projetos-urbanos/mercado-santa-tereza>>. [Acesso em: 08 mar. 2023].

RHIENCK, Carlos. **Consórcio que vai assumir Mercado de Santa Tereza quer realizar feiras no fim deste ano**. 2020. Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/minas/consorcio-que-vai-assumir-mercado-de-santa-tereza-quer-realizar-feiras-no-fim-deste-ano-1.797655>>. [Acesso em: 22 jan. 2023].

SILVA, A. F. D.; SERRA, B. B.; VICTOR, D. R.; MOREIRA, F. R.; ALVES, J. A. S.; JESUS, K. A.; OLIVEIRA, S. S.; ROCHA, T. K. A. **Reinvenções do Hipercentro de Belo Horizonte: a requalificação do Mercado Novo**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2021, 164p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Centro Cultural Liberalino Alves de Oliveira**. S/d. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/mostrauniversidadecidade/loais/centro-cultural-liberalino-alves-de-oliveira/>>. [Acesso em: 14 mar. 2023..]